

Nº 44, Embrapa Tabuleiros Costeiros, Junho/2001, p.1-4

RECOMENDAÇÃO DE VARIEDADES DE BANANEIRA PARA O BAIXO-SÃO FRANCISCO¹

Raul Dantas Vieira Neto²

A banana (*Musa spp.*) é uma das frutas mais consumidas no mundo, sendo o Brasil o segundo maior produtor (12,1%) e também o maior consumidor. Em 1991, a banana foi o 13º produto agrícola nacional em termos de área colhida. Dentre as frutas consumidas in natura, situou-se em 2º lugar, com o primeiro lugar ocupado pela laranja.

O volume total de produção, em torno de seis milhões de toneladas anuais, é em sua maior parte consumido dentro do país, uma vez que o volume exportado é pequeno. Quanto à distribuição regional da produção, a Região Sudeste é a maior produtora, com 33%, vindo em segundo lugar o Nordeste, com 29%. Dentre os Estados, há destaque para a Bahia (18%), São Paulo (14%) e Santa Catarina (9%).

Em Sergipe, a área colhida é ainda pequena (3.043 ha), e, a exemplo do que ocorre na maior parte do país, os cultivos são pouco tecnificados, onde se utilizam cultivares de baixo potencial produtivo, porte elevado e susceptíveis a pragas e doenças, resultando, além da baixa produtividade, em produto de má qualidade. Apesar disso, Sergipe possui regiões com boa potencialidade para o desenvolvimento desta cultura, com solo, clima e recursos hídricos dentro dos parâmetros exigidos para a moderna bananicultura. Uma das regiões que se destaca com maior potencialidade é o Baixo-São Francisco, que apresenta clima favorável, solos aluviais de boa fertilidade e disponibilidade de água para irrigação.

Com o objetivo de selecionar variedades de bananeira para utilização em cultivos comerciais, para as condições do Baixo-São Francisco, foram implantadas quadras com as variedades 'Grande Naine' e 'Nanicão', do subgrupo Cavendish, 'Pacovan' e 'Prata Anã', do subgrupo prata, e 'FHIA 18' e 'Pioneira', híbridos de 'Prata Anã'; as quadras das 4 primeiras foram constituídas por 100 plantas, e das duas últimas, por 30 plantas. No Nordeste, as variedades do subgrupo Cavendish são utilizadas principalmente na agroindústria, enquanto as demais são mais consumidas in natura. Sendo assim, as variedades estudadas no presente trabalho foram divididas em dois grupos, sendo o primeiro para uso industrial, constituído das variedades 'Grande Naine' e 'Nanicão' e o segundo para consumo in natura, com as variedades 'Pacovan', 'Prata Anã', 'FHIA 18' e 'Pioneira'.

¹ Trabalho desenvolvido pela Emdagro, Embrapa Tabuleiros Costeiros, Codevasf e governo dos Estados de Sergipe e Alagoas.

² Eng.-Agrôn., B.Sc, Pesquisador do contrato Embrapa/Emdagro, Av. Beira-Mar, 3250, Caixa Postal 44, CEP 49001-970, Aracaju, SE. E-mail: raul@cpatc.embrapa.br

O plantio foi realizado em 12/08/1998, na área experimental da Embrapa Tabuleiros Costeiros, localizada no perímetro irrigado de Cotinguiba-Pindoba, no Município de Neópolis, Sergipe, em solo aluvial, com textura argilosa. A análise química revelou os seguintes teores: matéria orgânica, 1,3%; pH, 6,17; Ca, 6,09 meq/100 ml; Mg, 2,63 meq/100 ml; H⁺ + Al⁺⁺⁺, 1,1 meq/100 ml; Al, 0,06 meq/100 ml; P, 23,1 ppm; K, 80,8 ppm; Na, 49,61 ppm; Mn, 31,73 ppm; Zn, 6,93 ppm; Cu, 8,15 ppm.

As bananeiras foram irrigadas pelo sistema de aspersão convencional sob-copa e as adubações foram feitas de acordo com o resultado da análise de solo, utilizando-se as doses e intervalos entre adubações recomendados para a cultura. Foram utilizados os seguintes espaçamentos para as diversas variedades: 'Grande Naine' e 'Nanicão', 2 m x 2,5 m (2.000 plantas/ha); 'Pacovan', 3 m x 3 m (1.111 plantas/ha); 'Prata Anã', 'FHIA 18' e 'Pioneira', 3 m x 2 m (1.666 plantas/ha).

As mudas foram obtidas em laboratório, por meio de propagação in vitro. Antes do plantio, passaram por um período de adaptação e crescimento, em condições de casa de vegetação, que durou 30 dias. Após esse período, foram levadas a campo e, a partir daí, passaram a receber os tratamentos culturais convencionais, ou seja, limpa, desbaste, desfolha, além do corte da inflorescência masculina após a formação do cacho.

Foram coletados dados relativos aos aspectos vegetativos e de produção; observou-se ainda a ocorrência de pragas e doenças.

Com base nos dados da Tabela 1, verifica-se que, oito meses após o plantio, quase todas as variedades apresentavam florescimento. As mais precoces foram, respectivamente, a 'Pioneira', 'Prata Anã', 'FHIA 18' e 'Pacovan'. As variedades 'Grande Naine' e 'Nanicão' mostraram-se significativamente tardias, em relação às demais.

Os dados relativos à medida da circunferência do pseudocaule a 20 cm do solo mostraram que 'Prata Anã' foi a que apresentou maior vigor, enquanto a 'Pioneira' foi a menos vigorosa. Sabe-se que plantas que possuem pseudocaule com maior diâmetro apresentam maior resistência ao tombamento causado pelo vento e até mesmo pelo peso do cacho.

O porte das plantas foi medido tomando como base a altura da emissão do cacho. Com relação a esse aspecto, verificou-se que as cultivares 'Grande Naine' e 'Pioneira' possuem porte baixo, 'Nanicão', 'Prata Anã' e 'FHIA 18', porte médio e a 'Pacovan', porte alto. Comparando a altura de emissão do cacho no primeiro e no segundo ciclos, verificou-se um incremento na altura das plantas de todas as cultivares; 'Grande Naine' foi a que apresentou o menor incremento (18,61%), enquanto que as demais apresentaram incremento entre 32,55% e 43,85%.

No decorrer do trabalho, verificou-se na área, como em toda a região, severa incidência de sigatoka-amarela, doença causada pelo fungo *Mycosphaerella musicola*, que causa severa perda de folhas, resultando em queda de produtividade. Verificou-se, dentre as variedades estudadas, que a 'Pioneira' é resistente e a 'FHIA 18' é medianamente resistente, enquanto as demais mostraram-se susceptíveis a essa doença.

Apesar de a região ser de ocorrência de Moko, causado pela bactéria *Pseudomonas solanacearum*, não se observou plantas atacadas por essa doença no decorrer do trabalho.

Com relação aos aspectos da produção (Tabela 2), verifica-se um grande destaque das variedades do subgrupo Cavendish: 'Grande Naine' e 'Nanicão' foram acentuadamente superiores às demais, com relação a peso de cacho, número de pencas, número de bananas por cacho, peso médio do fruto e produtividade em toneladas por hectare. Entre as demais variedades, houve destaque para a 'FHIA 18'. Tomando-se como base a média da produtividade dos dois ciclos, verificou-se que FHIA 18; apresentou-se superior em 51,1%, 44,7% e 37,0%, comparando-se com 'Pacovan', 'Prata Anã' e 'Pioneira', porém inferior na proporção de 37,8% e 31,8% quando comparada com 'Grande Naine' e 'Nanicão', respectivamente. Com exceção das variedades 'Grande Naine' e 'Nanicão', as demais apresentaram acréscimo de produtividade entre o primeiro e segundo ciclos.

As variedades 'Prata Anã' e 'Pioneira' produziram no 1º e 2º ciclos cachos menores do que a 'Pacovan', porém, no final, apresentaram maior produtividade pelo fato de possuírem maior número de plantas por hectare. A 'Prata-Anã' apresentou como aspectos positivos o vigor, o pequeno porte e a precocidade, porém possui frutos pequenos e apresentou, nas condições em que foi desenvolvido o trabalho, baixa produtividade. Já a 'Pioneira', embora tenha apresentado alta resistência à sigatoka-amarela e baixo porte, apresentou baixa produtividade e os seus frutos mostraram pequena resistência ao manuseio, desprendendo facilmente da penca quando em início de maturação.

A variedade 'Pacovan' é atualmente a mais cultivada e aceita no mercado nordestino, porém apresenta como inconvenientes o alto porte e a susceptibilidade a diversas doenças, inclusive ao mal-de-sigatoka, conforme pôde-se verificar no presente trabalho. Foi ainda a menos produtiva dentre as estudadas.

Devido às altas produtividades alcançadas e dependendo da possibilidade de absorção pela agroindústria, as variedades do subgrupo Cavendish se constituem em excelente opção, principalmente a 'Grande Naine', devido ao menor porte e maior produtividade apresentada, em relação à 'Nanicão'.

Dentre as variedades para consumo in natura, pode-se destacar a "FHIA 18", que apresentou pontos favoráveis no aspecto vegetativo, como baixo porte e mediana resistência à sigatoka-amarela. Apresentou ainda alta produtividade, porém é necessário avaliar a aceitabilidade por parte do consumidor.

Com base nos resultados obtidos, pode-se recomendar as variedades 'Grande Naine' e 'Nanicão' para exploração agroindustrial e a 'FHIA 18' para consumo in natura.

Tabela 1. Porcentual de florescimento 8 meses após o plantio no campo, circunferência do pseudocaule a 20 cm do solo no segundo ciclo, altura de emissão do cacho e incremento na altura da emissão do cacho, entre o primeiro e segundo ciclos, em 6 variedades de bananeira.

Cultivar	Florescimento aos 8 meses (%)	Circunferência do pseudocaule (cm)	Altura da emissão do cacho		
			1º ciclo (m)	2º ciclo (m)	Incremento (%)
'G. Naine'	1,8	0,74	1,88	2,23	18,61
'Nanicão'	0	0,71	2,15	2,85	32,55
'Pacovan'	20	0,74	3,17	4,26	34,38
'Prata Anã'	55,4	0,80	2,17	2,96	36,40
'FHIA 18'	24,4	0,72	2,17	2,98	37,32
'Pioneira'	81,8	0,66	1,71	2,46	43,85

Tabela 2. Peso médio, número de pencas e número de bananas por cacho, peso do fruto e produtividade de seis variedades de bananeira, no primeiro e segundo ciclos de produção.

Cultivar	Peso médio do cacho (kg)		Número de pencas		Número de bananas		Peso do fruto (g)		Produtividade (t/ha/ciclo)		Média produt. 1° e 2° ciclos (t/ha)
	1° ciclo	2° ciclo	1° ciclo	2° cicl	1° ciclo	2° ciclo	1° ciclo	2° ciclo	1° ciclo	2° ciclo	
	'G. Naine'	25,20	22,65	8,2	9,4	127,4	150,6	185,2	139,6	50,4	
'Nanicão'	24,05	19,64	8,0	9,3	119,4	133,8	187,3	135,9	48,1	39,2	43,6
'Pacovan'	12,21	14,00	6,3	7,4	80,6	94,9	138,0	133,8	13,5	15,5	14,5
'Prata Anã'	8,96	10,79	7,4	8,4	96,3	113,3	89,8	84,88	14,9	17,9	16,4
'FHIA 18'	16,46	19,27	8,2	8,7	113,2	124,4	137,0	145,0	27,4	32,1	29,7
'Pioneira'	9,08	13,44	6,3	7,0	74,4	83,6	112,4	150,4	15,1	22,3	18,7

AGRADECIMENTOS

Ao colega *Hélio Wilson Lemos de Carvalho* pelo grande apoio prestado na realização deste trabalho.